



Não Queira
No Seu, Olo
XI SEMANA
UNIVERSITÁRIA

**Diversidade,
Inclusão e
Transformação Social**

HISTORIOGRAFIA OGBANJE NA ESCRITA DE AKWAEKE EMEZI: COSMOPERCEÇÃO IGBO, TRANSIÇÃO DE GÊNERO E O CERCO ESTATUAL NA NIGÉRIA (2014-2018)

Francisco Ilderlânio Bezerra De Almeida (Bolsista Cnpq)¹

Natalia Cabanillas (Cnpq)²

RESUMO

Introdução: A pesquisa tem como marco analítico a promulgação, em 2014, da Same-Sex Marriage (Prohibition) Act 2013, isto é, a legislação que ampliou os mecanismos jurídicos de repressão às relações e às manifestações públicas de pessoas LGBTQIA+ na Nigéria e toma como corpus o ensaio *Transition* (2018) e o romance *Freshwater* (2018), publicado no Brasil como *Água Doce* (2019). **Objetivos:** Analisar como a escrita de Akwaeke Emezi contribui para a construção de uma Historiografia Ogbanje dos povos indígenas Igbos que vivem, predominantemente, no sudeste da Nigéria, diante do agravamento da violência estatal contra as existências de corpos LGBTQIAP+ no país e compreender como a escrita de Akwaeke Emezi explora novos modelos de produção e transmissão do conhecimento histórico sobre experiências Ogbanjes. Parte-se da hipótese de que a/o artista desloca as interpretações ocidentais sobre a identidade Ogbanje, as quais os colocam entre o folclore e a psiquiatria ocidental, para reinscrevê-la como contra-arquivo. **Metodologia:** É de abordagem histórico-interpretativa, de caráter qualitativo, fundamentada nos estudos de gênero, no pensamento feminista negro, na análise do corpus literário, de documentos históricos e de pesquisas antropológicas relacionadas à cosmopercepção Igbo. Para a análise é utilizado o conceito “fabulação crítica” (Hartman, 2008), que entende a literatura sobre corpos dissidentes como possibilidade de reelaboração das lacunas e silêncios presentes nos arquivos coloniais. **Resultados:** A análise demonstra que Emezi opera contra os regimes modernos ocidentais de produção de conhecimento que privilegiam o “visual” e a materialidade do corpo como forma de compreensão do indivíduo, produzindo, por meio da escrita, um contra-arquivo fundamentado em uma compreensão espiralada do tempo, na qual o passado caminha lado a lado com o presente e vice-versa. A “masculinização do arquivo” (Cabanillas, Balbuena, 2020) é responsável por centralizar experiências de homens cis, o que por conseguinte, coloca as experiências de mulheres cis ou trans em segundo plano. Nesse processo, o corpo e a experiência de Emezi tornam-se lugares de produção historiográfica, deslocando a centralidade da historiografia linear do Estado-nação e contribuindo para a valorização da memória africana. Compreende-se, dessa forma, que *Transition* (2018) e *Água Doce* (2019) articulam a transição corporal e a espiritualidade como forma de denúncia política, desestabilizando a historicidade e as categorias ocidentais de gênero que assolam a Nigéria contemporânea e que reduzem corpo a um imaginário eurocêntrico. **Conclusão:** Akwaeke Emezi no ensaio *Transition* (2018) e no livro *Água Doce* (2019) amplia o campo da historiografia ao explorar modos de narrar e existir que desafiam os regimes coloniais. Em suma, a Historiografia Ogbanje é um exemplo de novas possibilidades de produção do conhecimento histórico; ademais amplia o campo de estudo historiográfico. A pesquisa está sendo desenvolvida dentro do projeto “Intelectuais Africanas: contribuições de Akwaeke Emezi, Dina Salústio e Paulina Chiziane” (CNPq).

Grande Área do CNPq: Ciências Humanas

Este trabalho contribui para “Diversidade, Inclusão e Transformação Social” ao ampliar as possibilidades de produção da historiografia, especialmente sobre experiências Ogbanjes, valorizando epistemologias indígenas Igbos e desestabilizando categorias coloniais de gênero

Palavras-chave: Historiografia; Ogbanje; *Água Doce*; Akwaeke Emezi.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), IH/Ceará, bolsista CNPq do projeto Intelectuais Africanas, Discente, ylderalbano@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Instituto de Humanidades, Coordenadora do projeto CNPq Intelectuais Africanas, Docente, nataliacabanillas@unilab.edu.br²